



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Instituto de Arte e Comunicação Social

O QUE É DOCUMENTAÇÃO
Suzanne Briet

tradução: Maria Nazareth Fendt
capa: Paulo Fernando D. Vianna

Niterói - 1970

DISTRIBUIÇÃO INTERNA

FOL
553

A latinidade e sua herança sempre deram à palavra documento o sentido de ensino ou prova. O dicionário de Richelet, e o de Littré, trazem dois testemunhos franceses. Uma bibliografia contemporânea, preocupada em ser clara lançou esta breve definição: "Um documento é uma prova de apoio a um fato".

Se fazemos alusão às definições "oficiais" da Union Française des Organismes de Documentation (União Francesa dos Organismos de Documentação) verificamos que o documento é assim explicado: "Toda base de conhecimento fixada materialmente e suscetível a ser utilizada por consulta, estudo ou prova".

Esta definição tem sido muitas vezes discutida por linguistas ou filósofos, ciosos como são de minúcia e de lógica. Graças à análise que fizeram do seu conteúdo, pode-se propor aqui uma definição, a mais adequada atualmente, mas também a mais abstrata e, portanto a menos acessível: "todo índice concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, de reconstituir ou de provar um fenômeno físico ou intelectual".

Uma estrela é um documento? Um seixo levado pela torrente é um documento? Um animal vivo é um documento? Não. Mas são documentos as fotografias e os catálogos das estrelas, as pedras de um museu de mineralogia, os animais catalogados e expostos num Zoo.

Em nossa época de múltiplas e aceleradas transmissões, o menor evento, científico ou político, quando levado ao conhecimento do público, imediatamente assume a solenidade da "vestimenta documentária" (Raymond BAYER). Admiramos a fertilidade de documentária partindo de um simples fato: por exemplo, um antílope de uma nova espécie é encontrado na África por um explorador que consegue obter um espécime a restaurar para o Jardim des Plantes na França. Uma informação da imprensa divulga o evento através de notícias de jornais, rádios, atualidades cinematográficas. A descoberta é objeto de um comunicado à Academia de Ciências. Um professor do Museu considera o para seu ensino. O animal vivo é colocado na cela e catalogado (jardim zoológico). Uma vez morto ele será empalhado e conservado (no Museu). É emprestado para uma exposição. Passa em filme sonorizado. Sua voz é gravada em disco. A primeira monografia vai fazer parte de um tratado ilustrado, depois de uma enciclopédia especializada (zoológica), depois de uma enciclopédia geral. As obras são catalogadas numa biblioteca, após terem sido anunciadas em livrarias (catálogos de editores e na Bibliographie de la France). Os documentos são reproduzidos (desenhos, aquarelas, quadros, fotos, filmes microfilmes), depois selecionados, analisados, descritos, traduzidos (produção documentária). Os documentos referentes a este acontecimento são objeto de uma classificação ideológica (classificação). Enfim, sua conservação e utilização são determinadas por técnicas gerais e por métodos válidos para o conjunto dos documentos, métodos estudados em associações nacionais e em congressos internacionais.

O antílope catalogado é um documento original e os outros documentos são secundários ou derivados.

A invenção de Gutenberg desencadeou uma produção tipográfica tão volumosa e tão intensa, sobretudo nos cem últimos anos, que o problema da utilização dos documentos gráficos e de sua conservação é formulado com acuidade. Com abundância dos documentos escritos tornou-se necessário, desde o século XVII, um método científico de avaliação e de classificação de livros e manuscritos; a bibliografia, que L.-N. MAIGRES assim define: "a bibliografia é o conhecimento de todos os textos publicados ou multigrafados. Ela se baseia na pesqui-

sa, identificação, descrição e classificação dos documentos, visam do organizar os serviços ou construir instrumentos destinados a facilitar o trabalho intelectual. Uma técnica particular permite a transposição dessas diferentes etapas... as quatro operações sucessivas constituem a técnica, ou ciência bibliográfica, e culminam nos repertórios propriamente denominados bibliografias... Parece pois indispensável separar os dois aspectos da palavra e distinguir uma bibliografia teórica que estabelece regras de pesquisa e de classificação; e uma bibliografia prática que aplica essas regras na fabricação dos instrumentos de pesquisa que são as bibliografias".

doc. prim. e sec.

Os reservatórios centrais em que se constituem as grandes bibliotecas nacionais (Paris, 7 milhões de impressos, Washington, 8.700.000) só puderam dominar, digamos domar, suas riquezas e colocá-las à disposição de um público cada vez mais extenso, graças a instrumentos que permitem o acesso aos documentos aí acumulados. Os catálogos retrospectivos, os catálogos coletivos constituem a ferramenta documentária obrigatória e os intermediários práticos entre os documentos gráficos e seus utilizadores. Esses catálogos dos documentos são, eles próprios, documentos de segundo grau.

Com a especialização dos estudos e a multiplicação das atividades de toda espécie que vemos proliferar em nossa sociedade, as relações e os pontos de vista ganharam mais mobilidades e maior variedade (BLISS). "O conhecimento e o estudo, a ciência e a prática, não puderam dispensar uma análise eficaz dos documentos e de uma organização rigorosa do trabalho documentário".

Dessa necessidade surgiram os centros e os serviços de documentação, que são as formas mais dinâmicas dos organismos de documentação. Repertórios de organismos de documentação apareceram em mais de um país (França, 1935, 1942, 1948, 1951; Grã-Bretanha, 1928; Países Baixos, 1937; Bélgica, 1947; Suíça, 1946).

Uma nova profissão nasceu - a do documentalista - que corresponde às funções daquele que documenta outrem. O documentalista faz o trabalho de documentação. Ele deve ter o domínio das técnicas, dos

métodos, dos instrumentos. Já lhe é possível tornar-se um técnico de patente: existe na França um diploma de Estado, com a criação do Institut National des Techniciens de la Documentation (Instituto Nacional dos Técnicos da Documentação), ligado ao Conservatoire National des Arts et Métiers (Conservatório Nacional de Artes e Ofícios) (Portaria de 1. de dezembro de 1950).

A teoria da documentação se construiu pouco a pouco a partir do grande período de inflação tipográfica que começa aproximadamente na segunda metade do século XIX,

e que corresponde ao impulso das ciências históricas como progresso da técnica. OTLET foi o mago, o condutor internacional, com seu Instituto de Bibliografia em Bruxelas, sua classificação decimal universal, seu Conselho das Uniões Científicas, seu Mundaneum. Outros, menos ambiciosos que ele, ou mais prudentes, examinaram a fundo os sulcos de uma cultura que, ao redor de Otlet, não soube descer das nuvens. A documentologia não perdeu nada em se desfazer de um Repertório Bibliográfico Universal ~~que não perdeu nada em se desfazer de um Repertório Bibliográfico Universal~~ que todo mundo considerou quimera, e que não oferecia um interesse comparável ao mais localizado dos catálogos coletivos.

Enquanto o livro, de origem proveniente do folheto, tende atualmente a se manifestar em seus elementos constitutivos por necessidade de mobilização, outras formas documentárias surgiram das invenções modernas e enriqueceram instrumental humano graças as documentografias. Ninguém se contenta apenas com o livro, com o fragmento impresso, com o artigo de revista, com o recorte de jornal, com a cópia do arquivo; transfere-se uma obra inteira, com suas ilustrações, ao microfilme, à microficha. Um denso processo microfilmado pode ser guardado no bolso de um casaco. Uma biblioteca inteira, encerrada numa bolsa. A pesquisa científica se estende às unidades documentárias de toda espécie: documentos iconográficos, metálicos, monumentais, megalíticos, fotográficos, radiotelevisados. A seleção do documento se junta às técnicas de vanguarda. As profissões "pré-documentalistas" se colocam elas próprias em compasso com essa corrida aos documentos. As novas gerações de arquivistas e de museógrafos decifram os textos antigos para o "leitor" de microfilme e realizam fotofichas onde a imagem da peça do museu se aproxima com sua descrição científica, como no

Centre de Documentation Egyptologique (Centro de Documentação Egíptológica) e no Museu Carnavalet. As bibliotecas mais respeitáveis anexam escritórios de documentação e laboratórios de fotografia, como a Bibliothèque Nationale de Paris que demonstra sua eficiência em matéria de microfilme, e de fotografia em cores. Enormes coleções de filmes e de fotos são organizadas em Washington, na Biblioteca do Congresso e no Arquivo Estadual.

A unidade documentária tende a se aproximar da idéia elementar de unidade de pensamento, a medida que as formas de documentos se multiplicam, que a massa documentária cresce, e que a técnica da profissão de documentarista se aperfeiçoa.

A documentação por si ou através de outrem aparece aos olhos de muitos como uma "técnica cultural" de nova dimensão.

Essa técnica prosperou inicialmente no meio da pesquisa científica propriamente dita, a das ciências e sua aplicação. As ciências humanas adotaram-na mais tardiamente. As razões são facilmente compreensíveis. Com efeito, nos domínios da técnica, a documentação se renova quase inteiramente num lapso de tempo muito curto; tal invenção, tal descoberta se tornam fatos ultrapassados, e por isso demasiadamente conhecidos para serem objeto de novos estudos. Entretanto, no campo das ciências humanas, a documentação procede por acumulação: a literatura, a história, a filosofia, o direito, a economia, a própria história das ciências são tributárias do passado. A erudição é conservadora. A ciência é revolucionária. A evolução dos conhecimentos humanos é um compromisso permanente entre duas atitudes do espírito. A invenção e a explicação, a reflexão e a hipótese partilham do campo do pensamento. A documentação é sua serva, simples como uma vendedora, ou suntuosamente vestida segundo o desejo de seus mestres eruditos.

A evolução do trabalho intelectual se manifesta na mesa do homem de gabinete. As condições e o instrumento do trabalho mental são hoje muito diferentes dos de outrora. Montaigne se recolhia em sua torre redonda. Bossuet no fundo do jardim do episcopado, Descartes em seu domicílio secreto, Edison se fechava à chave, Spino

sa não tinha mais que 60 livros. Na França de Louis XIV, publicava-se setenta obras por ano. Publica-se atualmente uma média de 12.000 sem se falar nas reimpressões. Em 1947, quinhentos milhões de volumes foram editados nos Estados Unidos, dos quais 40% de caráter didático. Sete milhões de documentos diferentes entram cada ano na Biblioteca do Congresso em Washington. Importantes centros de documentação recebem e examinam regularmente de 100 a 2.000 periódicos. As referências do Bulletin de Documentation Bibliographique (Boletim de Documentação Bibliográfica, bibliografia francesa corrente de bibliografias, são de aproximadamente 2.000 a 2.500 por ano.

Antes da última guerra mundial, surgiram 800.000 artigos de periódicos. O Departament de Périodiques (Departamento de Periódicos) recebe por ano mais de um milhão de fascículos franceses e estrangeiros, e duplicatas do depósito legal francês.

<u>Depósito legal Francês</u>	<u>1939</u>	<u>1948</u>	<u>1959</u>
Obras originais	9.908	14.143	9.943
Traduções	851	1.088	1.009
Publicações em língua não francesa ...	<u>1.767</u>	<u>789</u>	<u>797</u>
	12.526	16.020	11.849

BRADFORD descobriu que análises de artigos científicos reaparecem em muitos periódicos, na maioria duas ou três vezes, enquanto a significativa proporção de 50% permanece omissa. O próprio Bradford teve o mérito de fixar a percentagem (33%) de artigos que interessam a um dado assunto e que se encontram fora das revistas da sua especialidade, através de pesquisas estatísticas, que lhe permitiram formular a chamada "lei de Bradford". Além disso, estudando detalhadamente o trabalho das revistas analíticas chegou à conclusão de que, em princípio, dois terços das coleções dos organismos de documentação especializada não se referem diretamente ao assunto de interesse da organização e, que todavia essa importante documentação para a especialidade não é encontrada em parte alguma.

A documentação cumulativa à disposição das ciências humanas esmagada em importância e em número as cifras, todavia impressionantes, da produção científica propriamente dita. Parece que

um fio de Ariande ainda é mais necessário ao humanista que ao cientista. As grandes bibliotecas de que se cerca o erudito, e as que ele consulta fora de seu domicílio são para ele um campo de pesquisa parcialmente inexplorado. Não há sistematização possível na utilização dos testemunhos do passado. Aqui, a investigação é mais autônoma que no campo científico. Nesse caso, "a margem de opinião pessoal" é mais liberal (PAGES).

Entretanto, os instrumentos do trabalho intelectual transformaram profundamente o comportamento do homem de estudos, qualquer que seja a sua especialidade. Os fatores espaço e tempo intervêm muito mais que no passado. A agenda-horário, o telefone, o aparelho para leitura de microfilme, a máquina de escrever, o ditafone, o teletyp, produzem ao esforço intelectual um ritmo diferente.

"No início do conhecimento, há o exame dos fatos", dizia Bacon. Carnegie aconselhava a não empreender nada "antes de ter examinado a fundo todos os trabalhos" que podiam já ter sido feitos sobre o assunto em questão. O problema seria mais de selecionar as melhores obras. E aí que se impõe uma competência. E aí que o método rigoroso vem em auxílio do pesquisador. "A ordem é o que há de mais raro nas operações do espírito" dizia Fénelon. Ordem, notação, seleção, três etapas essenciais às ocupações do intelecto.

Na tarefa de "coletivização" dos conhecimentos que é bem do nosso tempo, a análise documentária ou "Abstract" aparece como um dos meios mais rápidos e mais seguros para enunciar e comunicar o pensamento. É papel das bibliotecas especializadas, dos centros de documentação, das revistas técnicas levar ao especialista, a sua mesa de trabalho, um resumo analítico e às vezes crítico das novidades que lhe interessam, e que lhe permitem assinalar as fontes que poderá explorar se quizer, através da leitura direta ou de reprodução fotográfica. A mecanografia vem de encontro às exigências de uma pesquisa referente à massa de documentos, em índices estatísticos fáceis de codificar.

No que tange à pesquisa científica e técnica, a documentação moderna tornou-se um dos fatores mais eficazes da produtividade em qualquer meio. Seria suficiente tomar dois exemplos: o do C.N.R.S. e o

de NEYRPIC. O Centre National de la Recherche Scientifique (Centre Nacional da Pesquisa Científica) com suas equipes de resumos e tradutores especializados, com suas coleções de revistas e seu serviço de microfilme, se firmou no espírito dos cientistas franceses como uma instituição da qual não podem mais prescindir. Os Estabelecimentos Neyrt-Pictet, com seu serviço de documentação sólidamente articulado às atividades dos laboratórios, das fábricas, dos escritórios de estudo da empresa, contribuíram para um enorme progresso nas aplicações de hidráulica no mundo inteiro.

Guias de orientação permitiram conhecer as possibilidades oferecidas pelos serviços de conservação e distribuição de documentos ou de informação. Eles foram criados nacionalmente para o conjunto de interesses e atividades científicas, ou para um grupo mais ou menos extenso do país. Manuais de Pesquisa Documentária foram criados na França para orientar o pesquisador sobre as melhores obras, o artigo de periódico, os centros e as associações, as bibliotecas e museus, os editores especializados.

A pesquisa conscientizou-se em quase todos os campos. Para melhor sair do "caos" e da desordem documentária, organizaram-se os trabalhos coletivos de pesquisa e de documentação. O documentalista transformou-se num "homem de equipe" (VERNE). Teve seu papel na solução do problema que consiste em "dar rédeas" à "faculdade de investigação pessoal e subconsciente de cada um, colocando à disposição de todos a documentação que interessa a um grupo de trabalhadores (WIGNER). O trabalho pessoal foi liberado da escravidão, devendo o documentalista, de qualquer modo, conhecer a especialidade que ele auxilia profissionalmente, a recolher a bibliografia, ou melhor, a documentação acumulada pelos próprios pesquisadores. Fichas das atribuições, interesses e falhas dos pesquisadores seriam da maior conveniência (documentação sobre as pessoas e possibilidades da pesquisa coletiva).

A documentação, quando intimamente ligada à vida de uma equipe de pesquisadores, científicos ou eruditos - ou quando participa de uma atividade industrial, comercial, administrativo, docente, etc... - pode em certos casos atingir a uma verdadeira criação, por justaposição, seleção e comparação de documentos,

e produção de documentos auxiliares. O conteúdo da documentação é então interdocumentário.

Há outros problemas da documentação que os cientistas têm ressaltado com certa veemência nos últimos tempos. O da rapidez do serviço e o da integridade da informação documentária. O Professor americano BURCHARD, conhecendo o dinamismo e a eficiência dos bibliotecários de seu país, espera que a ciência encontre seu Waterloo nas bibliotecas. O empréstimo entre bibliotecas, diz ele, é um fator de atraso. O catálogo coletivo acarreta delongas. Se de alguns anos para cá estamos melhor equipados para obter rapidamente uma foto, um microfilme, o fator tempo não é menos temível para o cientista apressado. O caráter efêmero da informação científica impõe ao trabalhador dêsse ramo um comportamento intelectual e um instrumental adequados. O cientista ainda se informa como outrora por meio de suas relações pessoais, por suas leituras e pela bibliografia que ele aí encontra, mas agora cada vez mais pelos abstracts e relatórios. O microfilme leva ao pesquisador científico em seu laboratório, à sua mesa de trabalho, o próprio documento na íntegra em um pequeno volume.

Estaria o cientista bem seguro de poder afiançar a integridade da documentação que o interessa? Os centros e escritórios lêem por ele. O trabalho documentário está organizado coletivamente. Todavia, acontece que uma parte importante da documentação científica conserva-se em sigilo pelo menos em determinados campos. Jean Thibaud revelou a inquietação dos cientistas diante do fato de que "a ciência" aparece agora "como a mais essencial das atividades guerreiras em tempo de paz". O grande Einstein deu um grito de alarme: "o domínio da informação diminui cada vez mais sob a pressão das necessidades militares". A documentação secreta é uma injúria que se faz à documentação.

É chegado o momento de provar que o exercício da documentação, com todas as suas possibilidades e com o aperfeiçoamento de todos os seus meios constitui efetivamente uma nova técnica cultural... A documentação se torna cada vez mais técnica, com o trabalho especializado. Le Rolland nos diz: o que a mão leva à mente, como parte de um trabalho manual, serve à cultura, isto é, enriquece o homem. Ele cita Julian Husley: "As mãos recebem uma imagem táctil daquilo

que manejam, os olhos uma imagem perscrutada daquilo que vêem. A mais perfeita definição dos objetos, através do pensamento conceitual foi sucedida pelo domínio ainda maior sôbre os mesmos, através das ferramentas e das máquinas". A mão serviu ao espírito; a ferramenta desenvolveu o cérebro. O cérebro em troca guiou a mão. Tal é a onipresença da inteligência. "A documentação é para a cultura o que a máquina é para a indústria (PAGES).

Não há exagero em se falar de novo humanismo a êsse respeito. Uma outra raça de pesquisadores está sendo gerada (is in the making). Ela é resultante da união da máquina e do espírito. O homem moderno não repudia nada de sua herança. Apoiado na riqueza da experiência legada pelo passado, êle se volta resolutamente para o mundo do amanhã. O devir constante da humanidade requer que a adaptação seja massificada e o mesmo tempo individual. A técnica é aqui o sintoma da necessidade social. "Uma característica da documentação moderna é a de coordenar setores" diferentes "em uma mesma organização".

A documentação aparece enfim como o corretivo da especialização sempre impelida para adiante. Fechado nos limites mais ou menos amplos de sua especialidade o pesquisador tem necessidade de ser guiado através das regiões que circundem seu domínio particular. Orientação sôbre as margens de um assunto, análise das fontes de uma pesquisa, determinação de atribuições, são outras necessidades de coordenação nas diversas atividades.

A DOCUMENTAÇÃO

"docere"

Fazer conhecer

OBJETO	ATIVIDADES	FORMAS	ORGANISMOS
1º grau	Por meio de:		A, B, M.
a) Fatos ou Idéias	<u>Informação</u> verbal: escrita:	Informação Comunicados, jornais e revistas	Empresa de documentação Correio - Imprensa
	cinema- rafiófoto.	Filmes	Cinema - Rádio
	<u>Ensino</u> verbal:	Cátedras Conferências	Igreja Escola e Universidade
	escrito:	Laboratórios Catálogos - Guias	Associações Pesquisa
b) Objetos ou Criação artística	<u>Exposição</u> direta: ou reproduzida	Objetos Amostras Animais	Congressos - Feiras Escrit. de exposições
	<u>Audição</u> direta ou gravada	Fotos Catálogos - programas Discos	A, B, M. Concertos Teatros Rádio
c) Pessoas ou atividades	<u>Informações:</u>	Fichas Processos Anúncios	Polícia-Estatística Estado-Civil
d) Fontes de fatos	<u>Recenseamentos:</u> <u>Edição comercial</u> ou Oficial	Anuários Dicionários e Gramáticas Cronologias Atlas e Guias Tratados e manuais	Associações-Sociedades A, B, M. Autores e Editores Academias Sociedades Científicas
		Textos jurídicos, legislatura, históricos, literários	Estado
		Enciclopédias Patentes Catálogos	Escritórios de Patentes (Arquivos Bibliotecas Museus
	<u>Consulta</u> ou <u>Comunicação</u> e leitura organizada		

II - Uma profissão distinta

O "homo documentador" nasceu das novas condições da pesquisa e da técnica.

Enquanto em certos países, como na Grã-Bretanha, a profissão de arquivista é corretamente tratada de "nova profissão", os arquivos modernos cada vez mais se aproximam dos centros de documentação propriamente ditos, como Ranganath nunca deixou de ressaltar. A maior parte dos atos administrativos não distribuídos sob forma datilografada ou impressa. A maioria das publicações oficiais adquirem uma forma periódica. O processo, a circular, o relatório são tratados como elementos documentários, e não como os livros de uma biblioteca. As bibliotecas, privadas das formas mais móveis da documentação impressa, datilografada, ou fotografada, etc., continuam sendo distribuidoras da documentação do passado, mas vêm lhe escapar a pesquisa em todos os níveis, por não deter senão a exposição dos fatos adquiridos. Instrumentos máximos de fixação e de conservação da cultura, as bibliotecas gerais acompanham com atraso inevitável os progressos dos conhecimentos e os avanços técnicos de acesso aos documentos. As bibliotecas especializadas estão mais próximas dos centros de pesquisa, e a maioria delas tende a se transformar em centros de documentação, com ou sem essa denominação. Os "information" ou "intelligence officers" que vimos se multiplicar nos centros industriais da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, são os primos germânicos dos "documentalistas" franceses. Formados ou não em escolas de biblioteconomia, eles são oriundos dos mesmos meios culturais especializados que os estabelecimentos dos quais fazem parte. Eles satisfazem as exigências do credo o qual o documentalista: 1º é um especialista de profundidade, isto é, possui uma especialização cultural semelhante a do organismo que o emprega; - 2º conhece as técnicas da forma dos documentos e de seu tratamento (escôlha, conservação, seleção, reprodução); - 3º respeita o documento na sua integridade física e intelectual; - 4º é capaz de proceder a uma interpretação e a uma seleção de valor dos documentos dos quais se encarrega, visando a uma distribuição ou a uma síntese documentária.

Robert PAGES teve a oportunidade de dizer que as profissões de

bibliotecário, arquivista, e conservador de museus eram profissões "pré-documentalistas" e que o bibliotecário se tornou, em nossa época, "um caso particular do documentalista". Não se trata absolutamente de precedência. Sendo a documentação gráfica muito mais volumosa no presente que no passado, as técnicas tradicionais da conservação e da história das coleções de livros e documentos, que foram assimiladas ainda conservarão por muito tempo uma preeminência que não se poderia discutir. Mas já para as grandes coleções do passado, a palavra "bibliografia" não mais convém, dar-lhe-íamos / mesmo uma acepção mais ampla para compreender os catálogos de todas as espécies. Porque a presença de bustos, medalhas, cartas geográficas, memórias pessoais numa biblioteca, exigiria que se usasse doravante a palavra "documentografia".

Não é raro que o documentalista se encontre à frente de um estabelecimento que possui uma biblioteca especializada, uma seção de pesquisa, um boletim analítico ou/ e bibliográfico, um serviço de microfilme, uma sala de exposições, recortes de jornais e traduções. Arquivista, bibliotecário, conservador de coleções, nosso documentalista é tudo ao mesmo tempo. É necessário portanto - ao lado da especialização cultural inicial - que ele tenha conhecimento das técnicas das profissões às quais de fato se relaciona. Além disso, ele produz documentos secundários, partindo dos documentos originais, que se convencionou chamar de documentos iniciais. Ele os traduz, analisa, recopia, fotografa, publica, seleciona, compara, coordena. Ele é um "homem de equipe" na organização da pesquisa, e no emprêgo das atividades de base de um país. Sua profissão, meio-intelectual, meio-manual, é a de um auxiliar da pesquisa prática, de um "servo dos Servos da Ciência".

SIMONS comparava as bibliotecas a um depósito de fertilizantes que os especialistas estariam encarregados de espalhar nos campos para torná-los férteis. Diríamos que os documentalistas são técnicos de uma fertilização melhorada das áreas próximas ou distantes da cultura científica. Enquanto a leitura pública interessa às massas, a distribuição da documentação visa a especialistas escolhidos.

O trabalho documentário - baseado na especialização cultural - corresponde a uma atividade cuja especificidade não tem necessidade de

ser demonstrada. O que chamamos de "técnica documentária" é um conjunto de técnicas em dose original e de múltiplas aplicações. É natural que não se poderia impor ao aluno documentalista os programas da Escola de Títulos e Diploma (Ecole des Chartes et du Diplôme) superior de bibliotecário. Se é necessário ensinar 50 horas de catalogação numa escola de bibliotecários, bastariam 5 horas, por exemplo, num curso destinado a documentalistas.

A conservação, a exposição a manutenção dos documentos terão seus dias marcados no calendário. Ao contrário a normalização, a classificação, a organização do trabalho documentário num organismo, a difusão aos usuários, o cuparão muito mais horas que em programas análogos.

Precisaria ressaltar aqui que as aptidões e as tarefas não são as mesmas nas categorias dos auxiliares e dos profissionais; esta distinção muito útil orienta a formação profissional e o estatuto dos documentalistas e auxiliares.

Procedamos, pela análise de programas de ensino, à análise do conteúdo da profissão. A instrução tratará dos métodos e dos instrumentos da documentação ^{que} são a normalização, a análise, a bibliografia, a catalogação, a distribuição por classe, classificação, a difusão, a exposição. Os instrumentos ou meios da documentação, são encontrados nas fichas e nos fichários, nas pastas, nos recortes do jornal, nas máquinas de escrever, de calcular, de triar, na fotografia, no microfilme, na teletransmissão.

Acontece que os métodos do trabalho documentário são emprestados das técnicas antigas ou análogas. Todas as que se pode agrupar sob a denominação comum de coleta e conservação, e mais particularmente de catalogação, vêm das profissões pré-documentalistas. Da normalização ou racionalização generalizada, guardou-se somente as especificações recomendáveis no campo da documentação. A distribuição em classes (classement) e a classificação (classification) tem uma importância de primeira grandeza no trabalho dinâmico do documentalista. Mas é so-

bretudo na distribuição da documentação e no que se convencionou chamar de produção documentária que se encontra a verdadeira criação profissional. A orientação sobre as fontes, os organismos e as atribuições, dá ao conjunto das atividades documentárias um impulso rotativo e uma irradiação circular aos quatro

O instrumental, assim como os métodos, é aplicado à documentação partindo de invenções independentes que enco travam pleno emp go na nova profissão.

Digamos uma palavra de cada método e de cada meio de que a documentação dispõe.

A normalização se interessou pelos métodos e pelos meios de documentação às vésperas da última guerra. A International Standardization Association - ISA (Associação Internacional de Standardização) pôs em estudo, em alguns de seus Boletins (N.22 e 23) a forma das referências bibliográficas, a apresentação dos periódicos, o panfleto analítico das revistas, os formatos das fichas e do papel. A Association Française de Normalisation - AFNOR (Associação Francêsa de Normalização) por seu turno estudava as repercussões das diretivas da ISA no plano nacional. Dêsse -sfôrço surgiu uma Comissão Francesa de Documentação, criada em 1940 e que, restabelecida depois da guerra, e subdividida em seções, se dedicou à terminologia, às referências bibliográficas, à apresentação de periódicos, ao mobiliário e ao instrumental dos organismos de documentação, à apresentação de memórias.

Uma sub-comissão do Código de catalogação, cuja sede é a Bibliothèque Nationale (Biblioteca Nacional) convuziu, com a assídua contribuição de bibliógrafos e de documentalistas, um vasto e minucioso trabalho referente à catalogação de impressos comuns, de estampas, de música, de cartas geográficas. Textos originais foram ordenados por esta subcomissão. Citemos entre outros: congressos, exposições, publicações oficiais, cartazes, obras litúrgicas. A AFNOR submeteu à opinião pública os primeiros resultados desses trabalhos, sob a forma de uma edição provisória do Código em 1945, e de fragmentos referentes à apresentação de notas

de artigos de revistas, de notas analíticas, etc... A AFNOR homologou ainda um texto de Madame CHAUVIN sobre as regras da classificação alfabética de repertório comerciais, cujas necessidades são diferentes das dos catálogos de biblioteca, e cujas aplicações a bancos, estabelecimentos industriais e comerciais estão agora asseguradas. Em 1930, o Institut International de Cooperation Intellectuelle (Instituto Internacional de Cooperação Intelectual) publicava um código de abreviação de títulos de periódicos que a AFNOR adotou para a França com algumas mudanças, em 1944. As diferentes decisões foram examinadas no decorrer de uma reunião internacional da ISO (organismo que substituiu a ISA) em maio de 1950. Graças a um acordo internacional, foram designados secretariados nacionais para os diferentes assuntos a resolver.

A normalização do formato do papel e da ficha simplificou consideravelmente o trabalho documentário. Assim é que a ficha dita internacional (75 x 125) de invenção americana (NF Q31-003) é atualmente adotada sob a denominação de ficha de biblioteca em todos os países, incluindo os que adotaram normas particulares para seu tipo de papel. Ora, o formato da ficha de biblioteca é um formato isolado que não se liga à nenhuma norma inicial do papel. Esse inconveniente, em comparação ao formato métrico (ou DIN), de criação francesa do tempo da Convenção, não impediu que os Estados Unidos pusessem em prática um catálogo coletivo no escalão continental. A fotografia e o microfilme tem igual necessidade de normalização. A Europa central e setentrional compreendeu todo o proveito e toda a economia que o formato métrico lhe propiciaria. Os formatos de papel francês NF Q02-001 se aproximam dos formatos anglo-saxões sem todavia superá-los.

A análise documentária é feita principalmente pela livraria e pela bibliografia. Ao nível do estudo, o livro é ainda a fonte principal da pesquisa dos documentos e os catálogos de editores ou de livreiros são o meio mais seguro de se localizar as obras de interesse. Lançamentos e remarcações se apresentam com preço nos catálogos. As bibliografias nacionais correntes (Biblio, Bibliographie de la France) dão a conhecer as publicações recentes legalmente depositadas na central expressamente designada para conservá-las. Os periódicos assim como os livros aí estão assinalados. As bibliografias retrospectivas nacionais ou especiais, de autor ou de assunto, trazem sua contribuição à pesquisa de títulos e de particularidades das edições. Os próprios pe

periódicos representam importante papel de divulgador de notícias através de seus artigos críticos, suas rubricas de bibliografia correntes. Índices ou análises de periódicos, obtidos por fusão e acumulação de sinopses dessas publicações permitem encontrar facilmente os artigos escritos por um dado autor ou vários estudos sobre um assunto específico. Infelizmente, não existem para todos os países, nem para todas as disciplinas, análises exaustivas de periódicos. A Conferência Internacional de Bibliografia realizada pela Unesco em Paris, em novembro de 1950, constatou, entre outras falhas, a insuficiência de resumos de periódicos para o conjunto dos países representados em sua assembléia.

Se os contatos entre pesquisadores constituem a maneira mais viva deles saberem os trabalhos que lhes interessa, trabalhos em preparação, manuscritos inéditos, obras no prelo, etc., a bibliografia é a fonte mais importante de informação sobre as fontes documentárias. É preciso distinguir três categorias de instrumentos: os repertórios ou monografias de caráter bibliográfico; as revistas de bibliografia corrente; e os grandes catálogos de bibliotecas. Estes últimos tendem a se constituir, dentro dos limites, em bibliografias universais. Por justaposição dos maiores catálogos, os da Bibliothèque Nationale de Paris, do British Museum, da Library of Congress e o Gesamtskatalog se atingiria a uma bibliografia universal aproximada. Enquanto certos países, ainda pouco evoluídos, não puderam se permitir a realização de uma bibliografia nacional de suas recentes publicações, ou de seu patrimônio nacional, outros entre os maiores possuem catálogos que são monumentos bibliográficos, tanto pela riqueza de seu conteúdo como pelo porte científico de seu aparelho descritivo.

O registro de entrada num organismo de documentação é uma coisa. o catálogo é outra. A boa ordem exige que todo documento contenha seu número de entrada que lhe fica atribuído como um estado civil "ne varieteur". E que de outro modo ele contenha uma referência ou código, em função de uma classificação material que permite re-encontrá-lo. O catálogo topográfico segue passo a passo a classificação das estantes, nos armários, nos classificadores. Os catálogos de autor e de título, os catálogos de assunto permitem responder às diversas questões dos usuários: existe tal obra? sob o nome de um autor? sob um título dado? Quais obras se poderia ler sobre tal assunto? Os catálogos alfabéticos são dispersos por catálogos ~~alfabéticos~~ ~~são dispersos por~~ catálogos sistemáticos, ou

os documentos se grupam por afinidade cultural. Os catálogos, como as bibliografias, podem reunir numa mesma lista alfabética, numa mesma reunião sistemática diversas espécies de documentos: livros, manuscritos, medalhas, cartas geográficas, estampas, fotografias, objetos. Existem catálogos de pedras megalíticas, de espectros de estrelas, de documentos epigráficos. A documentografia constitui a enumeração e a descrição dos diversos documentos.

A distribuição em classes permite a ordenação imediata e a inclusão permanente. Não se classificam do mesmo modo livros para a venda numa livraria, para a exposição de um museu de arte, e para a consulta numa biblioteca especializada. O uso que se quer fazer dos documentos, em circunstâncias específicas, determina a forma da ordenação em classes. As soluções práticas são preferidas em todos os casos. Entretanto, é preciso distinguir a distribuição em classes da classificação. Em um museu, essa distribuição se faz segundo as necessidades da demonstração. Em uma biblioteca, os volumes tem teoricamente um lugar permanente, aonde voltam após utilização.

É preciso distinguir a classificação concreta da classificação dos conhecimentos. Os novos sistemas de classificações enciclopédicas deixam perplexos os documentalistas que, na maioria das vezes, preferem uma classificação própria que tenha em conta suas necessidades. Um organismo de documentação se apresenta sob um aspecto particular com suas preocupações principais relativas a sua especialização, e com duas atividades marginais que interessam eventualmente a várias especialidades afins. Nesse caso, é necessário construir inteiramente uma classificação particular que leve em conta interesses máximos e supérfluos, que os inventarie completamente e que os classifique entre si numa ordem racional.

As classificações enciclopédicas que têm sua aplicação direta nas bibliotecas gerais - BRUNET inspirou na França um grande número de classificações; DEWEY é amplamente difundido nas Américas - podem ajudar a construir as classificações concretas. Mas o especialista não estará dispensado de reconsiderar todas as categorias de sua própria atividade em função dos quadros já prontos. A evolução das ciências leva de um lado

os filósofos, e do outro os profissionais da documentação, a atualizar as classificações enciclopédicas. Dentre os sistemas que mereceram interesses diversos na primeira metade do século, os BLISS, os BROWN, os RANGANATHAN, é preciso citar, inteiramente à parte, uma aplicação do sistema decimal de Dewey e, da célebre Classificação Decimal Universal, geralmente chamada CDU. O Instituto Bibliográfico de Bruxelas lançou-se há pouco mais de cinquenta anos. Uma comissão internacional é encarregada de estendê-la aos novos assuntos, assim como de reformulá-la. Ela é difundida sobretudo na Europa central e setentrional. Entretanto, a França relacionou nos últimos anos, um número crescente de utilizadores da CDU, e a UFOD, assumindo a responsabilidade do Bureau Bibliográfico da França, criou recentemente uma comissão francesa da Classificação Decimal Universal que será chamada a representar seu papel na tarefa apresentada pela Federação Internacional de Documentação.

A principal função dos organismos de documentação é de produzir documentos secundários, derivados dos documentos iniciais, os quais via de regra não criam mas que algumas vezes conservam. Quer esses organismos constituam centrais de conservação ou quer eles intervenham com simples utilizadores ou substitutos, em proveito de uma categoria de usuários, a produção documentária ocupa para eles lugar característico. Estamos bem no centro da profissão de documentalista. Os documentos secundários são: traduções, análises, boletins de documentação; fichários, catálogos, bibliografias, processos, fotografias, seleções, sínteses documentárias, enciclopédias, guias de orientação. É preciso passar em revista a cadeia de trabalhos documentários assim como os problemas de sua mutação, num mundo de acelerada evolução técnica.

A importância do conhecimento de línguas estrangeiras para assegurar qualquer das formas documentárias dispensa demonstração. Para compreender os documentos é preciso poder lê-los, e hoje em dia, somente uma minoria se deixa inscrever nos limites linguísticos. Será o papel do documentalista colocar os documentos em diversas línguas ao alcance de seus usuários, através de traduções válidas, onde se manifestam seu perfeito conhecimento de assunto tratado. Nada é mais importante, nem mais raro, que o encontro da especialização cultural com a faculdade poliglota; também concebeu-se um plano de organizar para a França um "clearing" das traduções, dando a conhecer os nomes dos especialistas - cientistas - capazes de traduzir tal ou qual língua. Há mais de um ano a Direction de la Documentation (Direção da Documentação) publica uma lista de artigos

traduzidos sob sua responsabilidade. Por outro lado deverá ser feito um esforço para atualizar a terminologia da documentação e de suas produções mais usuais, as terminologias particulares das mais diversas atividades deverão ser elaboradas pelos próprios especialistas (químicos, médicos, filósofos, banqueiros, etc.). Brevemente aparecerá o vocabulário do Bibliotecário, sob os auspícios da UNESCO.

A obra original ou traduzida tem necessidade de ser difundida. Não basta traduzir o título, ou extrair os assuntos principais visando um catálogo, é preciso mostrar seu interesse em uma análise ou num relatório mais ou menos extenso. A referência sinalética - ou seja, puramente descritiva - se acompanha então de uma análise que pode ser abreviada ou desenvolvida. O problema das análises documentárias foi suscitado em 1949 e 1950 em sessões internacionais convocadas pela Unesco no interesse da medicina, depois das ciências técnicas, enfim, das ciências econômicas e sociais. Foram realizados progressos e divulgaram-se recomendações relativas à preparação cooperativa e a apresentação normalizada das análises. A coordenação das empresas de análises assinaladas no Index Bibliographicus, 3a. ed. está em vias de realização, graças à colaboração da UNESCO, das Unions Scientifiques, e da FID.

Às vezes se afirma que bastaria uma única análise para relatar uma obra, e BRADFORD não ficou alheio a essa tendência para unificação, ou seja, para a não duplicação. É preciso ver as coisas de perto. Sem falar das necessidades linguísticas, - uma língua, qualquer que seja, não podendo satisfazer às necessidades mundiais - não esqueçamos que os pontos de vista variam com o meio e que a mesma obra será utilizada de modo inteiramente diferente num centro de mecânica e numa empresa de hidráulica. Longe de se desejar uma única análise para todos, parece que se pode preparar uma análise abreviada ou sinopse por grandes assuntos, e uma análise funcional estritamente especializada. A primeira terá lugar nas publicações do tipo "Bulletin analytique" do CNRS, a segunda é o apanágio dos boletins documentários muito especializados (house-organs). Redir-se-á aos pesquisadores e aos especialistas a uma análise especificamente adaptada às necessidades /

des particulares. Longe de ser impessoal e polivalente, esta última forma de documentação analítica constitui o que se poderia chamar de reserva de substância parda do organismo de documentação.

Notas sinaléticas e analíticas aparecem periodicamente nos Boletins de documentação onde, ao lado de diversas informações, às vezes artigos de fundo, a matéria útil a uma atividade científica ou profissional é difundida aos usuários. Os boletins são habitualmente tributários da classificação do órgão editor. As rubricas são ou não numeradas entre si. Os elementos documentários são ou não retomados em um índice, especial por número ou cumulativo por volume. As notas são recortáveis ou não para inserção num fichário. Os boletins levam aos usuários próximos e distantes uma documentação por assim dizer pré-digerida.

Voltemos à descrição ou assinalação dos documentos. Essas notas precisam ser extremamente móveis, para serem distribuídas em classes segundo as necessidades da ordem desejada, e a serem intercaladas sem atraso nas séries que podem ser extensíveis a todo momento. Essas necessidades estão na própria origem da invenção da ficha da qual existem vários formatos, adotados para o uso, ou normalizados em certos países. A ficha mais divulgada é a chamada internacional. Muitas vezes ela é de dimensões muito exígua para certos usos. Pode-se duplicá-la ou decuplicá-la segundo a continuação a ser dada da nota inicial. Os repertórios apresentam um outro interesse que não o dos fichários, porque, se não permitem a intercalação, oferecem a vantagem de poderem ser consultados à distância. Os catálogos se referem a períodos ou séries limitadas; eles são obtidos por acumulação ou fusão dos fichários. Eles incluem índices quando se apresentam sob a forma sistemática. Entretanto, os mais divulgados adotam o arranjo alfabético de autores, de títulos, ou de assuntos. A catalogação, "ars catalogandi", está no centro da profissão de bibliotecário, o qual muitas vezes é guiado em seu trabalho por regras adequadas a um estabelecimento, uma categoria de bibliotecas, uma país, ou a um conjunto de países. Vimos que um código de catalogação francês, para uso dos bibliotecários, bibliógrafos e documentalistas, estava em preparação na AFNOR, com a colaboração da Bibliothèque Nationale. O Código Anglo-Americano e as Normas da Biblioteca Vaticana, codificam os usos de inspiração anglo-saxônica. A codificação se estende a formas de documentos cada vez mais numerosas: livros, estampas, cartas geográficas, fotografias, discos, objetos de arte, encadernações, ex-libris, coleções museológicas, patentes, etc... O estabelecimento de sumários e de índices, deveria figurar entres as matérias do ensino profissional.

Os catálogos informam sobre a localização dos documentos, para compra, consulta ou empréstimo. As bibliografias informam sobre a escolha necessária entre uma ou outra obra relativa a um dado assunto. As documentografias estendem o campo desta seleção. A bibliografia é, diversamente do catálogo, classificada segundo uma ordem racional, cronológica ou sistemática. Para ser aceitável, a bibliografia, como a documentografia, deve ser feita - no que tange às normas de apresentação ou à forma das notas - por especialistas de gabarito. A bibliografia opera por seleção e eliminação, segundo uma ordem hierárquica. Ela se acompanha ou não de julgamentos de valor.

A orientação, ou localização dos documentos, se faz através dos catálogos coletivos. A orientação, ou informação, sobre o interesse apresentado pelos documentos, se faz através das análises e dos boletins documentários e das bibliografias que interessam aos especialistas de um assunto e que pode ser segundo a forma da publicação muito extensa ou muito reduzida. A orientação sobre os organismos e atribuições é assegurada pelos guias que, quando incluem orientação sobre os próprios documentos e sobre a bibliografia, resultam em publicações modelo como os "Manuels de la Recherche Documentaire" (Manuais da Pesquisa Documentária) publicados pela UFOD: geografia, sob a direção de Emmanuel de MARTONE; filosofia, sob a direção de R. BAYER; ciências econômicas, sob a direção de MORAZÉ. É preciso que, a exemplo da França, mais de um país revele aos pesquisadores os recursos documentários ao seu dispor. Foi este o voto aprovado Na Conferência Internacional de Documentação em Oxford em 1938.

A orientação documentária corrige as limitações da profunda especialização. O documentalista, bem mais que o pesquisador, tem necessidade de ampliar seu campo no horizonte ilimitado das especializações. Esse dinamismo, com "parti-pris", de uma constante especialização, corresponde adequadamente ao que um autor chamou de "a atitude" documentalista, ou ainda o que se poderia chamar de comportamento profissional do documentalista. Sabe-se que somente 30% da documentação efetiva reunida num serviço de documentação se refere à especialidade do organismo a que pertence.

Atualmente percebem-se duas tendências: com os bibliotecários, o cuidado de organizar fichários, e em corolário, os catálogos coletivos cada vez mais extensos, universais, dentro de certos limites, e capazes de responder a questões como: onde se encontra uma obra em particular, tal edição rara? e isso sem qualquer aceção de assuntos. Do outro lado, os documentalistas, num esforço para analisar e divulgar os mais diversos meios de acesso aos documentos multiformes, classificados por especialidades. Essas duas tendências correspondendo à especificidade das profissões, a primeira essencialmente ligada à forma dos documentos, a segunda concentrada na especialização cultural ou funcional. Os pesquisadores e os cientistas encontram vantagens nessas duas empresas de sinalização e orientação.

As atividades precedentes são mais tradicionais que as que vão seguir. Somente a orientação assegura a transição.

O livro permaneceu como unidade bibliográfica durante vários séculos. Os autógrafos eram reunidos sob a forma de livros. As estampas eram conservadas em álbuns. O periódico era encadernado em volume. Atualmente o livro tende a se apresentar em folhas soltas. O livro vai ao encontro da ficha de trabalho. A impressão reconsidera seus métodos para melhor responder ao clamor do século.

Há algumas décadas, o fato, a informação, o texto periódico, a ilustração, têm sido isolados do seu contexto, retirados do livro, do jornal, do periódico, do Diário Oficial, para tomar lugar nas pastas. Por uma evolução inversa à do fichário, que esquematiza e torna acessíveis as descrições dos documentos, o sistema de pastas tende a mostrar os próprios documentos, reunindo-os para comodidade de consulta. Na maioria dos casos, trata-se apenas de documentos gráficos. Entretanto, não é raro encontrar numa pasta uma amostra, um exemplar de um dado assunto.

Ao lado dos fichários e dos catálogos, que apresentam a imagem esquemática dos documentos, pela descrição abstrata de seu aspecto formal, acompanhada ou não de fotografia, observa-se recentemente organizarem-se fichários paralelos obtidos pela codifica -

ção de elementos que podem dar lugar à estatística ou à seleção. A palavra aqui desaparece, às vezes a própria letra está ausente, quando se lida com máquinas de cartão perfurado. A mecanografia estatística nos habituam substituir os fichários legíveis por fichários onde cada uma das notações é a tradução convencional de sinais diretamente intelegíveis. Os progressos da cibernética, especialmente no Massachusetts Institute of Technology associam a precisão complicada de um automatismo já antigo, à rapidez fulgurante das aplicações da eletrônica mais eficaz. O documentalista será, cada vez mais, o contribuinte de um instrumental que a técnica aumenta numa velocidade com V maiúsculo. O homo documentador deve se preparar para comandar, com tôdas as faculdades despertadas, aos robots de amanhã. A máquina valerá o que vale o ser vo. "Nossa capacidade de ultrapassar o mecanismo se baseia na nossa possibilidade de assimilar a máquina" (MUMFORD).

A cópia manuscrita, a moldagem, o croquis, a pintura de um objeto, seja paisagem ou fortaleza, continuam sendo meios de reprodução dos documentos. A êsses processos mais antigos se juntaram mais recentemente a cópia literal, o decalque, a da tilografia, a roneografia, a serigrafia, a lumitype, a xerografia. Os instrumentos de escritório do tipo ormo, everest, etc., e nos últimos anos - associados à fotografia - os processos "ozalid", "entocé", etc..., onde a transparência têm novo papel. Cada um dêsses processos deve ser estudado em função do seu preço de custo e da utilização se quiser fazer num caso particular.

A fotocópia sobre chapas, películas, rolos tornou-se principal auxiliar da produção documentária. Fotos em preto e branco, fotos diretamente sobre o papel, facsímiles em preto ou em cores, reproduções em várias dimensões, ampliações, macro fotografias, negativos e positivos multiplicam as possibilidades de consulta à distância, de consulta permanente, de documentos iniciais e derivados.

A utilização do microfilme de 35 mm, com ou sem perfurações, imprimiu à técnica documentária um passo de gigante. Nos organismos de documentação, serviços de fotografia e de microfilme têm executados pedidos vindos dos usuários, e modifica

ram profundamente o estilo e a rapidez do serviço interno. Para comodidade de classificação e da consulta, o rôlo de microfilme, - e evolução análogo a que descrevemos para o livro - se fragmentou em cortes ou tiras com algumas imagens, podendo êsses cortes ser guardados em envelopes do mesmo tamanho, classificados entre êles por títulos e por assuntos. Êsses documentos-símiles exigem entretanto aparelhos de leitura, lupas de bolso, projetores de parede ou de teto, leitoras, escrutinadoras. Excelentes aparelhos levam o nome de Thompson, De Brie, CORDONNIER. No final de uma longa evolução o microscópio eletrônico caminha ao lado da primitiva lupa.

A televisão intervém no telescript, que permite transmitir e transcreever à distância um documento no tamanho normal ou ampliado até quatro vêzes. O aparelho de emissão tem as dimensões de um piano de armário; a recepção se faz em 120 linhas em papel quimicamente impressionado e se desenrolando até a operação final de secagem imediata. A televisão documentária suavizará enormemente a cinematografia documentária, dando aos usuários, ou rádios-leitores, possibilidades de estudo que êles não encontravam na sala de projeção.

Assim pois, as técnicas da documentação marcam duas tendências distintas. Uma para a esquematização sempre mais abstrata, mais algébrica, dos elementos documentários (catálogos, códigos, perfurações, classificações convencionais); a outra para uma extensão maciça de "substitutos de experiências vividas" (fotos, filmes, televisão, discos, teleaudições). O ponto de aplicação dessas técnicas interessa, não somente a uma profissão cada mais advertida, mas também a um público cada vez maior - multidões inumeráveis - que a instrução, a imprensa, a propaganda prospectam, envolvem e captam graças a suas manifestações recreativas ou demonstrativas. O que a palavra não consegue comunicar, a imagem ou som, por sua vez, tentam fazê-lo. A documentação dêsse modo é um meio poderoso de coletivização de conhecimentos e idéias.

Tôda profissão tem seus quadros e seu pessoal auxiliar. A profissão de documentalista não constitui exceção. A partir do momento em que se emancipou das profissões mais antigas de bibliotecário, arquivista e conservador de coleções, ela é obrigada a buscar pontos de comparação junto ao seu ensino, seu comércio e sua indústria. Mais ou menos manual, segundo os graus da hierarquia, ela é em parte intelectual, em parte técnica, em todos os níveis. O do

cumentalista é um técnico especializado, cujos conhecimentos profissionais serão cada mais técnicos no futuro. Entretanto não se poderia insistir muito na importância da especialização cultural para os quadros da profissão. Enquanto os auxiliares são por definição polivalentes, e poderiam levar sua contribuição de modo quase indiferente a qualquer organismo de documentação, os documentalistas devem poder selecionar, compreender, traduzir, interpretar, utilizar no sentido intelectual da palavra, os documentos dos quais se encarrega, de acordo com a especialidade do organismo que as emprega. A especialização cultural tem pois, para o documentalista, uma importância maior ainda que para os profissionais da conservação dos documentos.

É por isso que as aptidões e qualificações exigidas para os chefes e seus auxiliares não são as mesmas. O auxiliar precisa ter cuidado, minúcia, disposição, gosto pela ordem, manuseio de máquinas e aparelhos, conhecimentos de datilografia, uma certa rapidez, um rendimento acima da média, instrução elementar suficiente, ortografia, gosto pela classificação e finalmente docilidade. Espera-se muito mais do documentalista. Inicialmente, o conhecimento profundo da especialidade que constitui o objeto da própria atividade do organismo (química, silvicultura, pedagogia, mecânica, medidas de gás, vidraria, têxteis, prendas domésticas, segundo o caso). Depois uma preparação doutrinária aplicada aos métodos e às técnicas da documentação. É preciso ainda conhecer no mínimo duas línguas estrangeiras. Enfim, deve-se encontrar nêle a faculdade de organizar e dirigir coisas e pessoas, que se manifesta nas seguintes qualidades: ordem, clareza de espírito, psicologia, previsão, criatividade, imaginação, espírito de continuidade, sentido social, autoridade.

O funcionamento de um centro de documentação comporta em grande parte métodos de gerência que torna essa atividade semelhante a da organização do trabalho. Sem organização pessoal e coletiva, não há bom funcionamento. Financiamento, equipamento, instrumental, publicações, difusão, propaganda, efetivos, seleção do pessoal, relações públicas, são os cuidados principais do documentalista chefe. Os múltiplos problemas que se impõe ao funcionamento de um centro de documentação foram suscitados num manual feito em Paris em 1946, pelos três institutos especializados em borracha, frutas e grãos, e óleos e oleaginosas. ~~Encontram-se nessa obra~~ ~~excelentes~~. Encontram-se nessa obra excelentes conselhos e fórmulas, das quais algumas particulares aos organismos em questão,

mas abrindo caminho a uma sistematização de métodos e doutrinas em matéria de trabalho documentário profissional.

Nos centros e serviços especializados, ou a documentação é fornecida sem delongas, ou é postergada. Ela é feita a pedido, ou é distribuída espontaneamente. No primeiro caso, ela se adapta às necessidades individuais. No segundo, ela vai além das necessidades de um grupo de trabalhadores. Em ambos, a faculdade seletiva representa muito, e é aí que intervêm as aptidões do documentalista que são as mais importantes, isto é, o conhecimento completo do assunto, a imparcialidade, o senso de conexão int. documentária. A seleção para uso individual ou coletivo é a própria tarefa do documentalista profissional.

Os elementos constitutivos da profissão parecem então ser os seguintes: coletivização, especialização, coordenação, reprodução documentária, difusão, aproveitamento integral, codificação, seleção, individualização, economia.

A aquisição da documentação e seu emprêgo são dispendiosos. À primeira vista elas nada proporcionam. Mas vistas de perto as operações de um serviço de documentação são benéficas às atividades administrativas, técnicas e científicas do organismo do qual depende. Elas são de fato rentáveis, sob a condição, desnecessário dizer, de serem dirigidas por mão de mestre, por profissionais da documentação.

Uma qualidade essencial sôbre a qual não se poderia insistir muito no exercício da profissão é o dinamismo do documentalista. Um colega inglês tentou caracterizar a atividade documentalista referindo-se ao que êle chamou "a atitude". Se bem que esta simplificação seja de modo a dissimular a complexidade das tarefas documentárias - como um cavalo a galope que se interpusesse entre os espectadores e a récula da qual faz parte - é verdade que o documentalista não vê do mesmo modo dos documentos, como se estivesse simplesmente encarregado de recebê-los, numerá-los, classificá-los e divulgá-los, tarefas mais estáticas, entretanto às vêzes ultrapass

sadas por operações que não prescindem a seleção da aquisição ou a indexação das matérias. É necessário insistir sobre o que o espírito documentário pode acrescentar aos conceitos mais antigos de conservação. As próprias bibliotecas só podem se beneficiar das operações mais eficientes da documentologia atual. Enquanto que, por outro lado, os documentalistas terão muito a aprender dos "mais velhos" das profissões análogas, cuja experiência, muitas vezes secular, foi consignada e comprovada em uso. Essas relações recíprocas serão benéficas tanto à cultura pública quanto ao avanço profissional.

Raras são as escolas de documentalistas. Nesse setor, a França teve um avanço considerável. O ensino à parte que a UFOD fundou em 1945 tem programas originais, com grande dose de especificidade. Caracteriza-se essencialmente por matérias à formação profissional em questão, e por uma combinação particular de matérias comuns a vários cursos análogos. Entre as principais encontram-se: classificação, análise, patentes, organização internacional da documentação, tipos de usuários, repertórios de documentos administrativos, documentações especializada e seus vários recursos, criação de documentos, documentografia. As matérias emprestadas ocupam um lugar mais modesto nos programas da UFOD: registro e conservação de documentos, bibliografia, catalogação, biblioteconomia, arquivística, museografia, edição, gerência. Os Cursos Técnicos de Documentação que correspondiam aos graus médio e superior do ensino profissional, foram retomados no Conservatório Nacional de Artes e Ofícios, através de portaria do Ministro do Ensino Técnico, na data de 1 de dezembro de 1950, sob o nome de Instituto Nacional de Técnicos da Documentação (). O ensino oficial visa essencialmente à formação de documentalistas dos organismos industriais e comerciais. Entretanto, ele mantém no primeiro ano, graças ao ensino das técnicas e métodos comuns, sem levar em conta especialização cultural, uma importância de "propedêutica", espécie de preâmbulo ao ensino especializado do segundo ano, o qual por sua vez, é chamado a imergir num clima de pesquisa metodológica ou técnica que deverá elevar constantemente o nível em relação à descoberta, à organização e à psicologia aplicada.

Uma necessidade do nosso tempo

Há um certo número de organismos de documentação fechados ao público e que funcionam como autarquia em proveito de sua própria atividade. Primeiramente, são os serviços industriais ou comerciais repetindo a competição externa e se protegendo cuidadosamente contra os plágios eventuais. São também os serviços militares ou técnicos relativos à defesa nacional, que possuem senha sobre o serviço secreto. Esses organismos são geralmente muito bem informados, porque mantêm, sua documentação à disposição de um círculo limitado de usuários, e ela não está menos acessível à análise desde, a mais ampla à mais estritamente especializada. Entre os primeiros citamos, a título de exemplo, os Serviços de documentação química e técnica da Vidraria Saint-Gobain, o Comité des Forges, o Serviço de Documentação do Instituto Técnico de Pesquisas de Corpos Graxos. No segundo grupo encontram-se os serviços de Documentação e de Informação Técnica da Aeronáutica (Service de Documentation et Information Technique de l'Aéronautique) e o Centro de Documentação de Energia Atômica.

Entretanto, a maioria dos centros e serviços é praticamente aberta ao público. As formalidades para admissão nesse caso são muito flexíveis. Sua documentação é farta por destinação. É longa a lista de realizações francesas que se poderia elogiar. Mencionaremos apenas o Instituto Francês do Petróleo (), o Centro Técnico do Alumínio (), o Centro Nacional de Telecomunicação (), o Escritório Técnico de Imprensa (), a Fundação Nacional de Ciências Políticas (), o Serviço de Administração Nacional das Fábricas Renault (), a Direção dos Estudos Financeiros do Crédito Lionês (), a Companhia de Fabricação de Computadores. Outros órgãos de documentação são, de alguma forma, intermediários que utilizam a documentação de diferentes organismos e que se especializam na distribuição dos fatos ou dos elementos documentários sob todas as formas. Esses organismos utilitários são comparáveis a "relais". Para estes, mais ainda que para os centros fechados, a organização do trabalho e a classificação representam um papel primordial na disposição dos serviços que realiza. Quer se trate de um órgão ou de uma revista científica com a Intermédiaire des Recherches Mathématiques (Intermediário das Pesquisas Matemáticas), ou de uma central enciclopédica de ensino no Tipo SVP, esses "relais" assumem o papel de distri

buidores da documentação.

Os centros de documentação propriamente ditos estão na própria fonte dos elementos documentários. Eles produzem documentos secundários, partindo de documentos primários. Organizados à semelhança das fábricas com sua cadeia documentária, eles analisam o campo inteiro de uma especialidade formando seu acervo de publicações em todas as línguas e de todos os países. Mantém à disposição de seus usuários diretos, internos e externos, os documentos primários que coletaram, e os secundários ou "sub-produto", que elaboraram. Esse tipo de organismo tende a se impor com o progresso de uma organização nacional ou internacional que devemos considerar. Mencionamos a Casa de Química (), o Museu de História Natural (), o Centro de Documentação de Mecânica (), e o Centro de Informação e de Documentação de Construção ().

Além dos centros, merecem lugar à parte os escritórios gerais, de caráter oficial, ou - se ainda são privados - tendentes a serem PROFSSIONALIZADOS. Os escritórios elaboram ou editam documentos. Eles asseguram a reunião mais completa possível da documentação relacionada ao setor de sua atividade. Também visam a função da distribuição. Só raramente matém contato direto com os usuários. São frequentemente o produto do esforço conjunto de sindicatos, associações, serviços departamentais ou locais, que se reúnem para melhor dominar suas coleções, e a técnica de distribuição da documentação. Foi assim que a Direção da Documentação elaborou documentos de grande informação. A revista Inter-técnica divulga as traduções feitas por especialistas nos diferentes campos. O Bureau Universitário de Estatística e de Documentação Profissional () distribui às sucursais de Paris e dos departamentos todas as informações escolares que devem ser levadas ao conhecimento dos estudiosos. A Federação Nacional dos Organismos de Segurança Social () trabalha para seus constituintes. O Serviço de Documentação da O.E.C.R. está à disposição somente das Nações Unidas e da Organização Econômica do Plano Marshall.

Os Centros e os Serviços de Documentação, cujo acesso não é reservado, se distinguem pela atenção ao seu público, fazendo uma divulgação que se assemelha a das casas comerciais, e figuram nos guias de orientação sobre organismos de documentação. Associam-se entre

si como foi feito na França, Grã-Bretanha, na Bélgica, etc... para estudo e ensino de métodos comuns. Constituem a rede nacional da documentação, de malhas ainda pouco fechadas, fios às vezes rompidos, e muitas vezes complicadamente ligados. Sente-se por todos os lados a necessidade de ser organizado o caos documentário. Proliferam os centros e os serviços. Com razão ROSELLO chamava de "germinação" esta atividade-sintoma que denuncia uma situação de fato. Ainda é muito cedo em se falar de duplo emprêgo em matéria de atividades documentárias. Porque é muito raro que uma determinada atividade não se distinga organicamente de outra, com a qual gostaria de se associar. Se tomarmos como exemplo o cinema, veremos que há lugar para vários organismos de documentação: a técnica (produção), o profissional (sindicatos), o histórico (conservação e estudo). As formas que podem tomar as atividades documentárias são tão numerosas quanto as necessidades que as fazem nascer.

Já se questionou se os serviços de documentação não se transformariam um dia em serviços públicos como fontes e estradas, telegrafo, instrução pública e outros. Esta antecipação nos ajuda a vislumbrar no horizonte de nossa civilização uma espécie de nacionalização da informação cultural. A Direção da Documentação () ligada à Presidência do Conselho () já tomou para si um campo oficializado no setor da Informação. Outras áreas serão pouco a pouco conquistadas, à medida que os poderes públicos tomarem consciência de suas responsabilidades quanto à organização da documentação. Importantes reuniões estão em vias de realização. Imagine-mos, por exemplo, os recenseamentos da população, os serviços do cartório, as estatísticas oficiais, os impressos de toda espécie recebidos pelos agentes do S.N.C.F., as mobilizações militares e industriais, o abastecimento controlado, e todas as atividades de massa que exigem um aparelho documentário de grande porte com regulamentação estatal.

Há muito que se sugeriu organizar o escalão setorial da documentação administrativa. (Pouteau, Congresso de 1937). Essa idéia devia originar anos mais tarde, um ensaio de regulamentação dos serviços administrativos das prefeituras e sub-prefeituras. Convém assinalar, dentro da mesma idéia, explorada em etapas, o projeto de Dayre, visando realizar, através de um serviço central, a análise exaustiva do Diário Oficial da República Francesa (). Há dois anos vêm se criando, sempre no âmbito nacional, em ritmo constante centros de documentação nos arquivos departamentais. Sob a inici-

tiva do Diretor dos Arquivos de França (), Charles Braibant, foram criados 32 centros os quais relacionados com a biblioteca universitária ou municipal, a sede da academia, as sociedades científicas, a câmara de comércio, o gabinete do prefeito, são capazes de fornecer uma documentação atual, de caráter legislativo, administrativo, econômico, político, cultural. Assim, passo a passo, se constitui a rede francesa. Por outro lado, os documentos são triados em vastos reservatórios que são as centrais de conservação que vão recolhendo, inevitavelmente, tudo que existe no patrimônio nacional, do banal mais raro, dos diários aos diamantes da corôa. Museus, bibliotecas e arquivos tomam proporções desmedidas que exigem problemas de organização e de sinalização. As diversas formas documentárias se encontram às vezes com certas acavalamientos que tendem a se manifestar no futuro: encontram-se em certos museus encadernações de arte e miniatura, as bibliotecas conservam arquivos de interesse histórico, e objetos de coleções as publicações oficiais, ou peças de arquivos modernos, são na maioria impressas ou datilografadas, o microfilme está espalhado por toda parte. Entre os estabelecimentos do Estado, há uma espécie de concorrência para a delimitação das atividades. Compete aos poderes públicos proceder ao arejamento das coleções, aos inventários de fundos especiais nos diversos campos, e de regulamentar o exercício da função documental nos estabelecimentos públicos.

Já foram criadas na França comissões ministeriais ou interministeriais para dar a medida das atividades da administração central em matéria de documentação (1946), ou coordenar as atividades oficiais (Decreto de 30 de dezembro de 1950). O Comité Francês de Documentação, criado em 1938-39 e reformado em 1951, sob a presidência de Julien CAIN, administrador da Biblioteca Nacional, visando principalmente assegurar a representação da documentação francesa no estrangeiro, constitui a Seção francesa da Federação Internacional da Documentação. A União Francesa dos Organismos de Documentação (UFOD) reúne desde 1932, em uma associação regida pela lei de 1901, as centrais, os centros e os serviços oficiais e privados, bem como os técnicos da documentação em todas as categorias. De outro modo certas empresas de documentação se gruparam em uma Câmara Sindical de tipo bem característico. Vemos despontar os elementos de uma organização geral da documentação francesa na qual o Centro Nacional da Pesquisa Científica (CNRS) terá que representar seu papel com seu Boletim analítico, e seus quadros de cientistas controlados por especialida-

des. Ele necessitaria então de um orçamento bem mais dotado.

A estrutura da organização nacional da documentação, considerada ao pé da letra como um serviço mais ou menos público, varia segundo os países. Nos Estados Unidos, onde grandes instituições deram o exemplo, como a Army Medical Library (Biblioteca Médica do Exército) ou o United States Department of Agriculture (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), concorda-se cada vez mais admitir que o Estado tome a frente do movimento, como sua própria responsabilidade, em favor de uma melhor organização da documentação (SHERA). Nos países de tendências totalitárias, como a atual Hungria, a documentação tinha até os últimos tempos seus centros oficiais, rigorosamente estatizados. Mas no mundo anglo-saxão, parece que a terminologia em uso impede a evolução das idéias, e dêsse modo, a ação organizadora. Os termos "special librarian", "library", "bibliography", têm conotações diferentes das de outros países, onde se dispõe de neologismos impostos pela presente situação, e onde "documentalistas", "centro de documentação", "documentografia", correspondem a um estágio, se não mais evoluído, ao menos doutrinariamente mais elaborado.

Luther EVANS fez uma crítica muito sutil à carência a que atingiram certos organismos por não saberem se adaptar as necessidades dos usuários: "Tenho a profunda convicção que os serviços bibliográficos que conhecemos são gerados em função das necessidades dos bibliotecários especializados, quando eles deveriam fazê-lo "sob medida" em proveito dos pesquisadores da indústria diretamente interessada". É bem verdade que a rigidez das classificações, a falta de flexibilidade dos métodos, o burocracismo do pessoal, representam perigos permanentes nos organismos do tipo bibliotecas. A solução deste problema se encontrará, em última análise, no modo de recrutamento do pessoal, isto é, numa formação profissional apropriada.

Nos países mais avançados, tomou-se consciência, de modo mais ou menos claro, das necessidades atuais da documentação nacionalmente organizada. Também não é difícil unificar a linguagem dos que, pioneiros ou diligentes engajados, se reúnem em conferências internacionais. A Federação Internacional de Documentação sediada em La Haya mantém assembleias anuais para as quais convoca os de-

legados de 20 seções nacionais (Alemanha, Bélgica, China, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Hungria, Indonésia, Itália, Japão, Países-Baixos, Portugal, România, Suécia, Suíça, Thecoslováquia, União Sul Africana), e os correspondentes de muitos outros países. Sucessor do I.I.B. (1895), a célebre instituição de Bruxelas, que lançou a C.D.U. e o Repertório Bibliográfico, a F.I.D. têm dois domínios que não lhe serão disputados. São estes a classificação decimal universal e os meios técnicos da documentação. Sobre outros assuntos, como as referências bibliográficas, o ensino profissional, as análises, os arquivos, a bibliografia, observa-se uma concorrência com as federações vizinhas, a Federação Internacional das Associações de Bibliotecários (F.I.A.B. ou F.I.A.) o Conselho das Uniões Científicas, o Conselho Internacional dos Arquivos.

A partir da segunda guerra mundial, foi a UNESCO que representou o papel capital de unificador e estimulador dos peritos e das federações ligadas à educação e à cultura. Sua Divisão de Bibliotecas, sob a direção de Edw. CARTER, manteve sistematicamente, em relação com as outras seções da Unesco, uma política cultural onde o espírito de seguimento garantiu que os resultados atuais sejam ultrapassados no futuro. "A República viva de espíritos" (J. TORRES-BODET) se constitui através de uma evolução subterrânea cujo quadro é a ONU, talvez temporário, mas seguramente útil. Antepostos de cooperação científica (Manilha, Delhi, Cairo, Montevideo) são os pontos de partida de missionários de um novo tipo, encarregados de iniciar a cultura das massas mais ou menos incultas e de multiplicar os contactos com os eruditos. Os assistentes técnicos da UNESCO de fato, se encontram na posse de um "hinterland" às vezes enorme, para ser prospectado e organizado. E através de ações e reações recíprocas que esses ante-postos irradiam e se informam cientificamente. A luta contra o analfabetismo, a organização da leitura pública, da biblioteconomia, da documentação sob todas as formas, seguem a trilha desse navio-explorador que leva a bandeira das Nações Unidas. Os bônus da Unesco, este novo papel-moeda, são utilizáveis em 21 países e mais ainda através dos postos de cooperação científica, para obter não somente todos os livros ou documentos similares, mas ainda microfilmes e material científico. A solidariedade interbibliotecária se manifestou pela ajuda levada a Biblioteca sinistrada de Valognes, pelos jovens e eficientes bibliotecários dinamarqueses. Manuais da Unesco, traduzidos em diversas línguas, põem à disposição de todos os métodos aprovados

pelos serviços de bibliotecas, (Mc COLVIN) e do ensino profissional (DANTON). Os Arquivos anunciam a 2a. edição de seu repertório internacional de inventários. A ICOM organizou na UNESCO um centro de informação sobre coleções de qualquer espécie. L. EVANS teve a oportunidade de propôr e estabelecer em cinco os 75 centros de copyright que existem no mundo inteiro.

Esta unificação parcial, etapa de uma unificação absoluta que até agora não foi possível realizar, é penosa em nosso mundo dividido. Entretanto tornou-se lugar comum afirmar que a humanidade tende à unidade. A síntese histórica feita por Paul PERRIER dessa evolução através dos séculos é surpreendente. Ele ressaltava aquilo de fatal na lei de unificação revelado em seu paciente trabalho de historiador. Explica o sucesso e o fracasso dos empreendimentos humanos de regressão ou de progresso. Coloca no verdadeiro lugar o papel das relações internacionais em nosso tempo. "As relações e as influências internacionais figuram com propriedade entre os fatos mais importantes da história universal. Elas se multiplicaram na época moderna. Não se trata mais de simples trocas, de relações, mas de uma íntima solidariedade... Nosso universo forma um todo... A semelhança entre as diversas sociedades humanas se tem acentuado nos últimos cinquenta anos em todos os campos, a despeito de lutas ideológicas, de guerras mundiais, de interesses opostos... Esta semelhança não se explica somente com a antiguidade pela idéia de necessidade, mas por uma imitação consciente e sistemática do estrangeiro. O comércio universal, a instrução obrigatória, a luta contra as epidemias, os progressos do feminismo, as leis sociais, a organização do trabalho, as constituições e os partidos políticos, todos os fenômenos sociais, são o resultado da imitação assim como das necessidades econômicas. As influências internacionais não são mais acontecimentos, episódios, elas revelam verdadeiras instituições oficiais, são ligadas a milhares de estabelecimentos. A maioria dos Estados não são mais representados no exterior somente por embaixadores e consules, mas por associações, escolas, institutos que tem por missão ao mesmo tempo conhecer as civilizações estrangeiras e divulgar no mundo a língua, as obras, e a civilização de seu país... As relações internacionais tomaram um lugar tão essencial na civilização contemporânea que o termo de influência que servia no passado para designar o resultado tornou-se insuficiente. Elas estão em vias de realizar a aspiração milenar das sociedades humanas... "esta unidade desmedida até então inacessível aos impérios, às religiões, às filosofias".

O principal obstáculo à unificação está na multiplicidade das línguas, nesse babelismo que se opõe tanto à compreensão como à cooperação. Hoje quase não se procura substituir por uma língua artificial as línguas efetivas. O esperanto não faz progresso. Ao contrário as línguas majoritárias, isto é, o inglês, e o espanhol tendem a se espalhar e a se tornar os intermediários indispensáveis do civilizado. O alemão retrocedeu. O russo ainda não está no primeiro plano. Os orientais falam sempre a sua língua mais um outro idioma. O mundo se reparte em áreas linguísticas. A organização do trabalho documentário deverá ter em conta esta realidade. Quer se trate de regras de catalogação, de seleção, de traduções e de análises, a distribuição dos documentos no planeta se adaptará a esta necessidade. O recenseamento linguístico não é menos importante que o do analfabetismo.

A própria documentologia traz soluções para a confusão das línguas. As classificações numéricas ou alfanuméricas são línguas artificiais aplicadas aos conhecimentos ou aos documentos. As codificações aplicadas à mecanografia são válidas, também, internacionalmente. Idiomas-tipos começam a se impor em matéria de traduções das análises documentárias, ou em matérias de sinopses de autores.

Precisamos libertar as duas tendências que começam a surgir. De um lado o conhecimento das línguas estrangeiras permite difundir as obras literárias muito mais que outrora, e dá à leitura mundial uma audiência que só pode crescer. Imaginemos as inúmeras traduções da Bíblia, de Shakespeare, de Victor Hugo, de Marx, de Duhamel. Por outro lado, o trabalho científico tende a se satisfazer com algumas línguas de base, por questões de economia. A tradução científica deverá ser organizada com tanto cuidado quanto a tradução literária. Enquanto individualmente, procura-se o contato direto ou as múltiplas traduções de monumentos literários de todos os países e de todas as épocas; coletivamente, a técnica de distribuição dos documentos se limitará ao uso de 3 ou 4 línguas no máximo.

A descrição esquemática ou iconográfica dos documentos amplia cada vez mais seu campo de ação. Os catálogos coletivos começam a interessar áreas geográficas que às vezes reúnem as áreas linguísticas. Alguns atingiram proporções continentais. Com

Com ou sem normalização das notas, pode-se prever que em tempo não muito distante, teremos a possibilidade de orientar internacionalmente os pesquisadores de documentos. Os anuários internacionais e os guias especializados participam desde agora nessa orientação mundial.

A instrução obrigatória e gratuita deverá anexar os elementos da pesquisa documentária aplicada às tarefas do trabalho escolar. Porque não basta saber ler para compreender, é preciso ainda saber encontrar os documentos e saber utilizá-los. O dinamismo da documentação visa reunir o dinamismo do espírito na sua busca pela verdade. É onde se pode com justeza falar de "avidez respiratória" para designar esta imperiosa necessidade mental. Em todos os graus do ensino o método da documentação, individual ou em equipe, deverá ser universalmente divulgado. O ensino profissional dos documentalistas impõe um outro problema de caráter internacional: os sistemas, os métodos e as realizações deverão ser testadas num instituto internacional de grau superior, aberto aos peritos e aos mestres da técnica documentária.

Guardamos para o final um fator essencial da eficiência documentalista, queremos falar da "public relations", dessas relações humanas as quais começam a ser de grande importância nos dois lados do Atlântico, e que são estudadas na França sob o nome de "problèmes humains". É a todo instante que se encontram problemas humanos nas atividades documentárias. Altruismo, espírito de equipe, aptidão para dirigir, psicologia dos usuários, faculdade de adaptação às necessidades de um grupo, ou às necessidades de um pesquisador individual, sentido social, afabilidade, servidão, zelo na pesquisa, sejam outras tantas manifestações do comportamento extrovertido do documentalista. Essas qualidades "optima" dão à profissão seu caráter de sociabilidade e de progressividade que a salvam de uma excessiva mecanização e especialização. Um tipo humano particularmente dinâmico começa a se encontrar em toda a parte, erudito, eficiente, sociável. Poderíamos citar numerosos e interessantes exemplos entre técnicos da documentação assim como entre os cientistas. Graças a eles, o egoísmo intelectual está em regressão, a amizade penetra no trabalho da inteligência. A riqueza da experiência documentalista atrai a simpatia.

Um plano que se tornou clássico entre os documentalistas evidenciou ante os olhos e o espírito os três níveis nos quais pouco a pouco se realiza a rede internacional da documentação. O plano

horizontal é o das áreas geográficas, onde se vêem instalar organismos locais, regionais, nacionais, internacionais. O plano vertical é o das especialidades, cuja agregação produz as formas enciclopédicas, com seus organismos de toda espécie, mais ampla ou mais estreitamente realizados. O terceiro plano, ou plano diagonal, apresenta as associações e as federações dos técnicos da documentação.

Se pode ainda figurar esses três aspectos da organização internacional da documentação por uma esfera de três anéis giratórios que encerram nosso globo, a Terra. Apesar dos conflitos das atividades documentárias, das lacunas ainda muito numerosas, já se nota que o organismo internacional é chamado a representar o papel de motor e regulador das relações e das pesquisas. Basta apenas impulsioná-lo. Será esta a tarefa dos homens de boa vontade e dos incentivadores dos meios profissionais ligando-se de perto ou de longe às atividades documentárias. No plano horizontal, esperam-se criações no escalão local, e sobretudo no escalão nacional. No plano vertical, realizam-se reuniões cada vez mais amiúde. No plano diagonal, preparou-se uma coordenação que não exclui a descentralização de certas responsabilidades.

"Na desordem do universo, hoje só se pode contar com os milagres da vontade oriundos de uma fé irredutível no futuro da cultura". Assim fala Ventura GARCIA CALDERON aos leitores de "Deux-Mondes", em fevereiro de 1951. Com efeito, quanto mais as massas inumeráveis e incultas vindas de todos os campos da liberdade são chamadas a se alinharem, mais é necessário instruí-las, esclarecê-las e assisti-las culturalmente.

Coi-se o tempo - (1931) - em que um bibliotecário inglês disse, numa conferência internacional, que quando ele falava da documentação em seu país, perguntavam-lhe o que era essa nova doença.

As palavras, as doutrinas, as técnicas, os instrumentos abriram caminho. Teoria e prática marcharam juntas. A nova profissão tornou-se cada vez mais técnica: erudita por um lado, ma-

mual por outro. "Quel siècle à mains" dizia RIMBAUD falando de sua época, o século XIX. Enquanto a cultura se democratizava, a técnica fazia enorme progresso. Os meios de expressão se multiplicavam esperando seu transporte no espaço e no tempo. Exposições e congressos contrariavam a tendência ao retraimento interno de todas as especializações como de todas as fronteiras. O sentido de unidade humana crescia em todos os planos culturais, políticos, sociais, religiosos.

A documentação-técnica, a documentação-profissão e a documentação-instituição não bastarão a todas as necessidades da sociedade em geração. Não obstante elas serão rolamentos essenciais com os quais doravante é preciso contar.

FIM

Técnicos	I	II	
T (Cooperadores)	Instrução primária ou secundária	Técnica elementar da forma dos documentos	Técnica elementar de utilização e da produção.
	Cultura geral superior especialização Cultural ou profissional superior	Técnica da forma (história, conservação, comunicação). Técnica da utilização e da produção dos documentos.	Especialização Cultural. Técnica da forma dos documentos
T= Ajudantes Técnicos	A= Arquivistas C= Conservadores de coleções	B= Bibliotecários D= Documentarista	

T	T
A	A
B	B
C	C
D	D

Especialização